ReGeo
ISSN: 2177-3246

INDUSTRIALIZAÇÃO COOPERATIVA E DESENVOLVIMENTO REGIONAL: EVIDÊNCIAS DAS PRINCIPAIS CADEIAS PECUÁRIAS DO PARANÁ

COOPERATIVE INDUSTRIALIZATION AND REGIONAL DEVELOPMENT: EVIDENCE FROM THE MAIN LIVESTOCK CHAINS IN PARANÁ

INDUSTRIALIZACIÓN COOPERATIVA Y DESARROLLO REGIONAL: EVIDENCIAS DE LAS PRINCIPALES CADENAS GANADERAS DEL PARANÁ

https://doi.org/10.56238/revgeov17n7-104

Data de submissão: 02/06/2026 **Data de publicação:** 17/07/2026

Welington Hartmann
Doutor em Tecnologia de Alimentos
Instituição: Centro Universitário Santa Cruz; Centro Universitário UniCuritiba
E-mail: hartw2512@gmail.com

RESUMO

Este estudo analisa a contribuição das cooperativas para o desenvolvimento dos municípios do interior do Paraná, especialmente aqueles caracterizados pela predominância de pequenas propriedades rurais. Apesar do papel benéfico dessas organizações aos seus associados, visualiza-se que há uma diferenciação entre as exclusivamente agrícolas e as agropecuárias com industrialização. Nessas os produtores têm a oportunidade de participar das integrações de aves, suínos e leite, entregando suas safras de soja e milho e obtendo crédito para compra de concentrados, e assim agregando valor ao produto final. Os produtores têm oportunidade de participar de toda a cadeia produtiva, pois a cooperativa da qual é coproprietário, também executa a industrialização e a comercialização dos produtos de origem animal. Foi realizado estudo exploratório descritivo, utilizando indicadores oficiais municipais associados às principais cooperativas agroindustriais do Paraná.

Palavras-chave: Associativismo. Produtos de Origem Animal. Região Oeste.

ABSTRACT

This study analyzes the contribution of cooperatives to the development of municipalities in Paraná State, especially those characterized by the predominance of small farms. Despite the beneficial role of these organizations for their members, it can be seen that there is a distinction between exclusively agricultural cooperatives and agro-industrial ones, with animal product chain. In the latter, producers have the opportunity to participate in poultry, swine, and dairy integrations, delivering their soybean and corn crops and obtaining credit to buy feed, thus adding value to the final product. Producers have the chance to take part in the entire production chain because the cooperative they co-own also handles the processing and marketing of animal products. An exploratory descriptive study was conducted, using official municipal indicators associated with the main agro-industrial cooperatives in Paraná.

Keywords: Associativism. Animal Products. Western Region.

RESUMEN

Este estudio analiza la contribución de las cooperativas al desarrollo de los municipios del interior de Paraná, especialmente aquellos caracterizados por la predominancia de pequeñas propiedades rurales. A pesar del papel beneficioso de estas organizaciones para sus asociados, se observa que hay una diferenciación entre las exclusivamente agrícolas y las agropecuarias con industrialización. En estas, los productores tienen la oportunidad de participar en las integraciones de aves, cerdos y leche,

entregando sus cosechas de soja y maíz y obteniendo crédito para la compra de concentrados, agregando así valor al producto final. Los productores tienen la oportunidad de participar en toda la cadena productiva, ya que la cooperativa de la que es copropietario también realiza la industrialización y comercialización de los productos de origen animal. Se realizó un estudio exploratorio descriptivo, utilizando indicadores oficiales municipales asociados a las principales cooperativas agroindustriales de Paraná.

Palabras clave: Asociativismo. Productos de Origen Animal. Región Oeste.

1 INTRODUÇÃO

A produção agropecuária no Brasil tem seu reconhecido valor devido ao alcance de índices notáveis de produtividade nas culturas de soja e milho, oferecendo assim condições favoráveis à produção de carne de suínos e aves, bem como à exploração de vacas leiteiras. Em 1925, com a chegada dos imigrantes holandeses à região de Carambeí, foi fundada a primeira cooperativa agropecuária do Brasil, pela necessidade de verticalizar a escala de produção transformando o leite em manteiga, inicialmente.

As evidências apontam que o avanço do cooperativismo agropecuário ocorreu a partir de 1970, quando o Engenheiro Agrônomo José Aroldo Galassini passou a trabalhar na região de Campo Mourão. Ao visualizar as necessidades dos produtores, com baixa capacidade de negociação, a necessidade de correção de solos com predominância de acidez, poucos recursos de mecanização e baixa produtividade, houve a iniciativa de promover diversas reuniões de esclarecimento, e assim a construção do primeiro moinho de trigo coletivo. Como resultado, foi constituída a Cooperativa Agropecuária Mourãoense, a maior cooperativa do Brasil e a sua fundação passou a ser um marco do cooperativismo agrícola, destacando a união dos agricultores em prol de maior produtividade, assistência técnica e desenvolvimento regional.

Outras destacadas lideranças seguiram esse exemplo e fundaram cooperativas agropecuárias nas regiões de Maringá, Palotina, Medianeira, Marechal Cândido Rondon, Cafelândia, Castro e Witmarsum no Paraná, Chapecó em Santa Catarina e Rio Verde em Goiás, entre outras. O cooperativismo constitui um sistema econômico e social em que a cooperação é a base sobre a qual se constroem atividades econômicas. Consiste na primazia das pessoas na economia e na cooperação de todos para a consecução do bem comum (GOLOS, 2025).

As cooperativas notavelmente geram riquezas nos municípios onde atuam. De acordo com estudos conduzidos pela Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas (FIPE) para cada R$ 1 real investido no cooperativismo há um incremento de R$1,65 em termos de produção na economia brasileira (OCB, 2023).

Observando-se o notável desenvolvimento das cooperativas, este trabalho foi desenvolvido com a finalidade de analisar os fatores históricos, econômicos e sociais que explicam o seu êxito no âmbito do desenvolvimento agropecuário brasileiro. O interesse pelo tema também decorre da experiência profissional do autor junto ao cooperativismo agroindustrial paranaense, no desenvolvimento de programas voltados à modernização da cadeia leiteira.

A hipótese deste estudo é que o diferencial competitivo do cooperativismo paranaense, que não está apenas na comercialização da produção agropecuária, mas sobretudo na sua capacidade de

industrializar a matéria-prima produzida pelos cooperados. Esse processo de agregação de valor fortalece as cadeias de aves, suínos e leite, aumenta a competitividade das propriedades rurais, independentemente de seu tamanho, promove maior incorporação tecnológica e favorece o desenvolvimento regional sustentável.

1.1 EVOLUÇÃO HISTÓRICA

Os princípios do cooperativismo são reportados à Sociedade dos Pioneiros de Rochdale, um grupo de tecelões ingleses especializados em flanela, que buscava melhorar suas condições por meio da ação coletiva. Diante de salários baixos e desemprego, eles tentaram negociar melhores remunerações, mas encontraram resistência dos empregadores. Isso levou à formação da Sociedade Equitativa dos Pioneiros de Rochdale, criando uma loja cooperativa com o princípio da autoajuda. Apesar das limitações financeiras iniciais, a sociedade cresceu e passou a possuir moinhos e armazéns, com significativo progresso. Os princípios eram inovadores para a época e seguiam os seguintes conceitos propostos por Robert Owen, um socialista cristão, precursor do cooperativismo: (1) venda de produtos de qualidade a preços justos, (2) distribuição equitativa dos lucros, (3) gestão democrática, (4) promoção da educação, com a criação de bibliotecas e salas de aula (PCF, 2026).

Concomitantemente, em 1862, Raiffeisen fundou a primeira cooperativa de crédito rural em Anhausen, na Alemanha, ao observar que as comunidades rurais enfrentavam uma severa escassez de instituições financeiras, e que havia pequenas cooperativas rurais caracterizadas por elevada sazonalidade do fluxo de caixa e limitados recursos humanos. Os primeiros membros eram geralmente ex-servos libertos, muito pobres se comparados a seus contemporâneos urbanos. O Padre Jesuíta Theodor Amstad, trazendo a experiência de Raiffeisen, implantou o sistema de cooperativismo de crédito em Nova Petrópolis, Rio Grande do Sul. Inicialmente foi denominada: Caixa de Economia e Empréstimos Amstad, atuando em pequenas comunidades rurais, fundamentada na honestidade de seus cooperados. Toda movimentação financeira era feita através de depósitos, que recebiam uma pequena remuneração. Com as sobras eventualmente apuradas, criava reservas para enfrentar, com mais segurança, momentos de dificuldades financeiras e incertezas (MEINEN e PORT, 2014).

Esse setor é responsável pelo recebimento de cerca de 56% dos cereais e oleaginosas produzidas no estado. Em consequência há contribuição para o desenvolvimento nacional, pois o Paraná produz cerca de 20% da produção agrícola do país. Por isso, o modelo de cooperativismo paranaense tem chamado atenção nacional e internacionalmente. Líderes de governos, observadores internacionais e pesquisadores visitam com frequência o Estado para conhecer o modelo econômico e as condições para desenvolvimento das cooperativas (MARTINS *et al.*, 2014).

1.2 O PAPEL SOCIAL DAS COOPERATIVAS

O sucesso das cooperativas agropecuárias do Paraná não decorreu apenas da união entre produtores, mas especialmente pela capacidade de internalizar sucessivas etapas da cadeia produtiva — assistência técnica, crédito, armazenamento, industrialização, exportação e reinvestimento das sobras — formando um ciclo cumulativo de desenvolvimento regional.

O que diferencia positivamente as cooperativas das empresas comerciais é o seu engajamento com a sociedade, notavelmente com os produtores rurais. Observa-se que as cooperativas que prosperam são as que não se restringem a compra das safras e venda de insumos, mas oferecem também assistência técnica especializada, contando em sua equipe com profissionais de Engenharia Agronômica e Medicina Veterinária, e com assistentes sociais. Promovem cursos, palestras e dias de campo com o objetivo de promover conhecimentos específicos sobre manejo, adubação, mecanização agrícola, sanidade animal e sobre temas relacionados às famílias dos associados.

A compra de fertilizantes em grande escala, o poder de negociação na venda dos produtos, a capacidade de armazenamento e a possibilidade de crédito para custeio são fatores diferenciais, que sinalizam aos produtores que há uma coletividade e cria perspectivas de expansão. Os programas desenvolvidos para jovens têm o objetivo de proporcionar ambiente favorável à sucessão familiar, para que haja continuidade na propriedade e na área rural a longo prazo. Procura-se manter atrativa a vida de quem atua na agropecuária sob o ponto de vista financeiro e das realizações pessoais, ao se refletir sobre qual seria o futuro de uma região e das famílias se os jovens passassem, em grande parte, a se dirigir aos centros urbanos em busca de emprego, que normalmente é frustrante e ilusório.

Considera-se uma consistente complementação à receita dos produtores cooperativistas, ao final de cada exercício anual, a distribuição de eventuais sobras líquidas apuradas após constituição das reservas legais e estatutárias entre os cooperados proporcionalmente à sua movimentação econômica com a instituição, mecanismo que reforça o caráter de retorno coletivo e diferencia estruturalmente o modelo cooperativista dos modelos comerciais tradicionais (GOLOS, 2026).

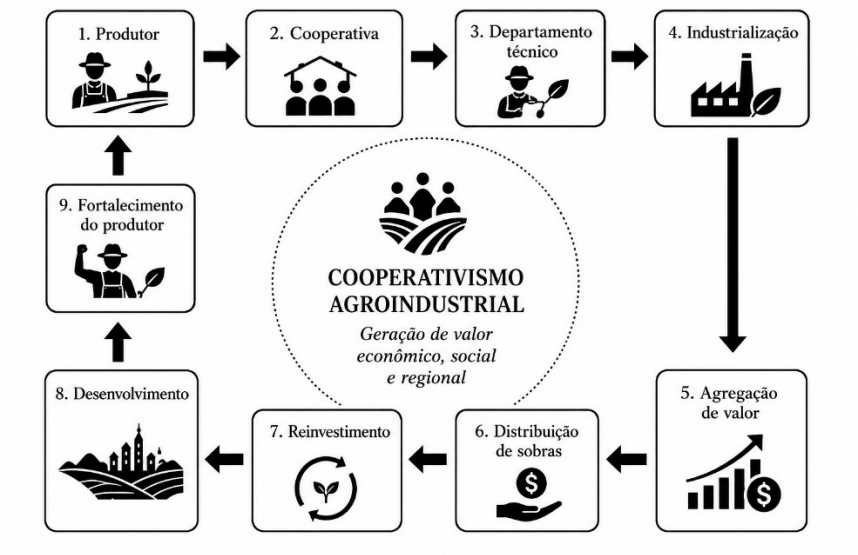
O expressivo desenvolvimento econômico e social do Oeste do Paraná não foi consequência apenas da expansão agrícola, mas em grande parcela pelo modelo cooperativista que resulta na integração entre produtores, assistência técnica, industrialização e inovação tecnológica.

A cooperativa reduz a assimetria de informação entre ciência, mercado e produtor rural. Em alguns casos as cooperativas desenvolvem estruturas produtivas verticalizadas e sistemas produtivos complexos que contemplam diversas cadeias produtivas. Um exemplo é o setor de leite, em que as cooperativas se especializam no recebimento da produção e no processamento de produtos lácteos.

No estado do Paraná houve a consolidação da atividade leiteira e os reconhecidos méritos de qualidade a partir do trabalho conjunto das cooperativas e da Associação Paranaense de Criadores de Bovinos da Raça Holandesa a partir de 1985. Essa parceria resultou na mecanização das ordenhas, sistemas eficientes de resfriamento do leite, transportes em tanques rodoviários isotérmicos, avanços em genética bovina e biotecnologias da reprodução, pagamento do leite por sólidos totais, avaliação de contagem bacteriana total e contagem de células somáticas, estudos sobre as curvas de lactação, e simultâneamente a introdução de novas variedades de milho e técnicas de manejo de pastagens. Esse processo contribuiu para transformar milhares de pequenas propriedades em unidades produtivas altamente eficientes.

Na Figura 1 pode-se observar os diversos elos que caracterizam o cooperativismo paranaense.

Figura 1. Modelo conceitual do ciclo virtuoso do cooperativismo agroindustrial.



Fonte: Elaborada pelos autores

1.3 A AGREGAÇÃO DE VALOR

Em muitas regiões e países as cooperativas são fortes fomentadoras do desenvolvimento regional, contribuindo não somente para o bem-estar social e econômico dos associados, mas também para a dinamização da economia e ao desenvolvimento das comunidades locais. No sistema cooperativo os seus organizadores são os próprios produtores que têm objetivos comuns: comercializar a produção, comprar insumos e ingressar no processo de agro industrialização. O poder de comercialização de uma empresa está relacionado com sua capacidade de negociar com outras, sejam elas firmas fornecedoras de insumos ou compradoras de produtos. Dessa forma, quanto maior a quantidade comercializada, mais favorável será o resultado da comercialização e, em paralelo, há redução nos preços dos insumos devido à compra em grandes volumes (KURESKI *et al.*, 2015).

Outra forma de melhorar os rendimentos dos cooperados é a agregação de valor à produção pelo processo de agro industrialização, onde as cooperativas colocam no mercado os produtos com valor superior comparativamente aos produtos agropecuários primários. Na cadeia de produtos de origem animal, referente a leite, frango e suínos, a industrialização passou a ser o grande diferencial, bem como a industrialização de soja no setor agrícola.

Na região dos Campos Gerais do Paraná, particularmente Arapoti, Carambeí, Castro e Witmarsum o cooperativismo não é escolha, mas faz parte da história. A ideia original era simples: reunir esforços para investir em infraestrutura de processamento, melhorar a qualidade do leite e dividir os resultados igualmente entre os produtores. Mas o modelo provou ser extremamente atrativo e a expansão não foi apenas econômica - foi cultural. O cooperativismo tornou-se parte da sociedade nessas regiões, moldando a forma como os produtores se relacionam com o mercado. Cada associado é simultaneamente proprietário e entregador de leite e os resultados da cooperativa, ao final do exercício, são distribuídos proporcionalmente ao volume entregue por cada produtor.

A governança é democrática: cada produtor tem direito a um voto na escolha dos representantes, que por sua vez compõem o conselho responsável por definir o modelo de precificação. Isso significa que o preço pago ao produtor não é uma decisão unilateral da indústria — é resultado de um processo deliberativo em que os produtores participam.

Parte dos lucros anuais é reinvestida na empresa pelos próprios associados, garantindo o desenvolvimento contínuo das atividades e a competitividade de longo prazo. Outro fato relevante é a forma como o conhecimento técnico chega às fazendas. Os departamentos técnicos atuam como um elo entre pesquisa, desenvolvimento e aplicação prática no campo, trabalhando em temas como nutrição, saúde animal, bem-estar, qualidade do leite, gestão e sustentabilidade, e particularmente nos municípios de Arapoti, Carambeí e Castro as cooperativas se uniram para criar a Fundação ABC, um centro de pesquisas muito bem estruturado, com campos experimentais que se estendem até Palmeira, Ponta Grossa e Formosa (Goiás).

O sistema de integração implantado nos sistemas pecuários foi determinante para o desenvolvimento cooperativista. Os principais fatores que contribuem para o êxito do sistema são: o cooperativismo enraizado, a orientação para produtos de maior valor agregado e a integração entre pesquisa aplicada. Nas integrações agroindustriais de forma geral existem dois segmentos básicos: a produção agropecuária propriamente dita e as demais atividades de toda a cadeia produtiva. Na integração de aves e suínos por exemplo, os produtores rurais recebem os pintos e ou leitões, matrizes e reprodutores suínos e os devolvem recriados, prontos para abate, executando as atividades em granjas próprias (LAUERMANN *et al.*, 2017).

1.4 COOPERATIVISMO AGROINDUSTRIAL E DESENVOLVIMENTO REGIONAL NO PARANÁ

A partir do conhecimento das regiões, sugere-se que a presença das cooperativas resultou em incontestável modificação no cenário paranaense. Como exemplo, a região entre Campo Mourão e Pitanga, era caracterizada por solos areníticos de elevada acidez antes do advento da cooperativa e passou a ser uma área de recordistas em produtividade de cereais, o que se reflete na pujança do comércio e nos índices de desenvolvimento.

Na mesma década, em Medianeira, um frigorífico e uma fábrica de laticínios foram adquiridos por cinco cooperativas regionais resultando na fundação da Cooperativa Central. Esse fator foi decisivo para o progresso da região, com as fábricas de ração absorvendo as safras de soja e milho, e com a verticalização dos produtos a partir da construção da maior indústria de queijos e do maior frigorífico de suínos do Estado, destacando a região oeste entre os maiores polos produtores de proteína animal do planeta. As áreas técnicas contribuíram substancialmente, com a implantação da granja núcleo de genética suína e com a fazenda leiteira experimental.

No Paraná, as cooperativas se preocuparam desde o início das suas atividades com assistência técnica contínua, difusão de tecnologias, organização dos sistemas de integração, constituição das agroindústrias para agregar valor à produção primária, resultando em estímulo ao desenvolvimento regional. Nas regiões de forte presença do cooperativismo agroindustrial observa-se empiricamente intensa movimentação econômica nos municípios em datas de pagamento aos cooperados, especialmente nas cadeias de produção leiteira. Esse comportamento sugere que os efeitos do cooperativismo extrapolam os limites das propriedades rurais, irradiando renda para o comércio, o setor de serviços e o sistema financeiro local, e embora essa percepção ainda careça de mensuração específica, constitui um fenômeno amplamente observado nas cidades com forte presença da atividade leiteira cooperativista.

2 METODOLOGIA

Para o presente trabalho foram considerados os seguintes indicadores municipais obtidos em bases oficiais: (1) o Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM), extraído do Atlas do Desenvolvimento Humano no Brasil (PNUD, Ipea e Fundação João Pinheiro); (2) o Índice IPARDES de Desempenho Municipal (IPDM) correspondente ao ano-base de 2022; (3) os dados de PIB per capita e população obtidos nas bases do IBGE e do IPARDES, utilizando-se sempre as versões mais recentes disponíveis para cada indicador. Trata-se de um estudo exploratório de caráter descritivo.

Das 20 maiores cooperativas agropecuárias do Brasil, 12 são paranaenses: Coamo, C-Vale, Lar, Cocamar, Integrada, Agrária, Castrolanda, Frísia, Cocari, Coopavel, Coasul e Capal. Na Tabela 1 estão apresentadas as formas de atuação das cooperativas nas respectivas cadeias produtivas de aves, suínos e leite.

Tabela 1. Cadeias produtivas no setor de pecuária e formas de atuação

Cadeia produtiva	Matéria-prima	Atuação da cooperativa	Produto final	Valor agregado
Avicultura	milho e soja	assistência técnica, genética, incubatórios, fábricas de ração, integração, frigorífico	frango inteiro, cortes, industrializados	muito elevado
Suinocultura	milho e soja	assistência técnica, genética, nutrição, integração, frigorífico	carne suína, embutidos, produtos processados	muito elevado
Pecuária leiteira	milho, silagem, pastagens	assistência técnica, qualidade do leite, coleta, industrialização	leite UHT, queijos, manteiga, leite em pó, ingredientes lácteos	elevado

Fonte: Elaborada pelos autores

Foram selecionados os principais municípios paranaenses que sediam ou representam áreas de influência das maiores cooperativas agroindustriais do Estado, considerando sua relevância econômica, territorial e histórica no cooperativismo (Tabela 2). As cooperativas apresentadas foram selecionadas por sua relevância econômica, representatividade no cooperativismo agroindustrial paranaense e atuação nas principais cadeias produtivas do agronegócio (soja, milho, leite, aves e suínos).

Tabela 2. Caracterização das principais cooperativas agropecuárias do Paraná

MUNICÍPIO-SEDE	COOPERATIVA	COOPERADOS (1)	CADEIA PRODUTIVA
Arapoti	Capal	3.800	soja, milho, leite
Cafelândia	Copacol	9.200	aves, peixes, soja, milho, leite, suínos (2)
Campo Mourão	Coamo	32.200	soja, milho, trigo
Carambeí	Frísia	1.070	soja, milho, leite
Cascavel	Coopavel	8.200	soja, milho
Castro	Castrolanda	1.270	soja, milho, leite
Dois Vizinhos	Coasul	7.600	aves, soja, milho, leite
Guarapuava	Agrária	705	soja, milho, trigo, cevada
Londrina	Integrada	13.900	soja, milho, trigo

MUNICÍPIO-SEDE	COOPERATIVA	COOPERADOS (1)	CADEIA PRODUTIVA
Marechal Cândido Rondon	Copagril	7.500	aves, soja, milho, leite, suínos (2)
Maringá	Cocamar	20.000	aves, soja, milho, suínos
Medianeira	Lar	14.100	aves, soja, milho, leite, suínos (2)
Palmeira	Witmarsum	350	aves, soja, milho, leite
Palotina	C-Vale	29.600	aves, soja, milho, leite, suínos (2)
Toledo	Primato	11.000	soja, milho, leite, suínos (2)

Obs. 1: base 2024, fonte OCEPAR; Obs. 2: Nas cooperativas C-Vale, Copacol, Lar, Copagril e Primato a industrialização e comercialização de leite e suínos são realizadas pela Cooperativa Central Agropecuária Sudoeste.
Fonte: OCEPAR (2024)

Considerando que as cooperativas agroindustriais possuem áreas de atuação que frequentemente abrangem diversos municípios e, em muitos casos, diferentes regiões do Estado, optou-se por utilizar os municípios-sede como unidades de análise, principalmente por haver disponibilidade de indicadores oficiais homogêneos (IBGE, IPARDES e DERAL), permitindo estabelecer comparações entre as regiões estudadas. No entanto, os efeitos econômicos e sociais do cooperativismo extrapolam os limites administrativos dos municípios-sede, estendendo-se a toda a sua área de atuação, onde se localizam entrepostos e unidades industriais, fábricas de ração, incubatórios, frigoríficos, laticínios e centros de distribuição.

3 RESULTADOS

As informações referentes ao desempenho dos municípios-sede das principais cooperativas do estado do Paraná estão apresentadas na Tabela 3.

Tabela 3. Indicadores socioeconômicos e produtivos dos principais municípios paranaenses com forte atuação de cooperativas agroindustriais

Município	População (2022) (1)	IDHM (2013) (2)	IPDM 2022 (3)	PIB per capita (R$ 2023) (4)
Arapoti	25.777	0,723	0,7915	63.347,91
Cafelândia	18.997	0,748	0,8525	142.008,00
Campo Mourão	99.432	0,757	0,8082	60.261,00
Carambeí	23.415	0,728	0,8312	85.465,60
Cascavel	348.050	0,780	0,8330	55.176,33
Castro	75.075	0,703	0,8061	61.820,06

Município	População (2022) (1)	IDHM (2013) (2)	IPDM 2022 (3)	PIB per capita (R$ 2023) (4)
Dois Vizinhos	44.860	0,770	0,8368	58.150,90
Londrina	555.900	0,789	0,8179	50.362,50
Maringá	409.650	0,810	0,8464	67.903,90
M C Rondon	55.836	0,774	0,8229	70.188,00
Medianeira	47.725	0,763	0,8135	55.318,00
Palmeira	33.855	0,718	0,7825	65.573,86
Palotina	35.011	0,768	0,8696	105.626,67
Toledo	150.470	0,770	0,8582	63.192,40

Fonte: Fontes: (1, 4) IBGE; (2) Atlas Brasil, censos demográficos; (3) IPARDES

Embora Campo Mourão sedie a maior cooperativa agroindustrial da América Latina, Cafelândia e Palotina apresentam PIB per capita superior. Esse comportamento sugere que a verticalização da produção, especialmente pela transformação de milho e soja em carne de frango e suínos, amplia a geração de riqueza nas regiões onde a agroindustrialização é mais intensamente desenvolvida e não apenas da comercialização da produção agrícola.

Um fato que pode ser observado é que praticamente todos os municípios sede das maiores organizações cooperativas apresentam IDHM entre 0,700 e 0,800, situando-se entre os municípios mais desenvolvidos do Paraná, notadamente nos Campos Gerais, oeste e noroeste, e que apresentam altos PIB per capita. Esse fato se deve a haver agroindústrias além de produções primárias.

Na Tabela 4 pode-se observar a participação das cooperativas no segmento agropecuário estadual.

Tabela 4. Participação das cooperativas agropecuárias na produção agroindustrial do Paraná

Cadeia produtiva	Participação das cooperativas (%)	Cooperativas de maior destaque
Soja	68	Coamo, C.Vale, Lar, Copacol
Milho	69	Coamo, C.Vale
Trigo	69	Coamo, Frísia, Capal, Agrária
Leite	43	Frísia, Castrolanda, Frimesa, Capal, Witmarsum
Suínos	46	Frimesa, C.Vale, Copacol, Lar

Cadeia produtiva	Participação das cooperativas (%)	Cooperativas de maior destaque
Frango	48	Lar, C.Vale, Copacol, Copagril

Fonte: Sistema Ocepar (2026)

Há cinco municípios-sede de cooperativas que estão entre os maiores IPDM do Paraná, destacando-se: Palotina (0,8696); Toledo (0,8582); Cafelândia (0,8525); Dois Vizinhos (0,8368); Cascavel (0,8330). E os maiores PIBs per capita pertencem a municípios com grande presença cooperativista, como Cafelândia, Palotina e Carambeí. Todos possuem agroindústria, e não apenas produção primária.

O progresso nas regiões atendidas também se observa no comércio local, devido à maior circulação de recursos. No último exercício, a Coamo distribuiu R$ 263 milhões aos cooperados, valor 7,8% superior ao repassado em 2024. Já a Coopavel, com sede em Cascavel, anunciou faturamento de R$ 6,2 bilhões e garantiu a distribuição de R$ 65,8 milhões em sobras aos seus 8,2 mil cooperados, e a Copacol, 221 milhões. Em um estado cuja economia pulsa no ritmo do campo, da indústria e dos serviços, o cooperativismo deixou de ser apenas um modelo de organização para se consolidar como uma das principais forças de desenvolvimento (OCEPAR, 2026).

Ao se observar a contribuição do sistema ao progresso regional, pode-se verificar a evolução da distribuição das sobras anuais. Em 2019 a distribuição das sobras das sete principais cooperativas do Oeste do Paraná (C Vale, Coamo, Coopavel, Copacol, Copagril, Lar e Primato) chegou a R$ 1,5 bilhão. Em 2023 o volume foi muito maior, atingindo a marca de R$ 3,8 bilhões. Um salto de 148%. Esse crescimento é a demonstração de finanças sustentáveis. É quando o resultado faz com que a instituição cresça a ponto de fazer uma reserva financeira que garante segurança e grande poder de investimentos (GRESELE *et al.*, 2020).

O grande diferencial histórico foi a união de cinco cooperativas agrícolas no oeste do Paraná para a constituição de uma cooperativa central voltada exclusivamente para a industrialização de suínos e leite, em 1977. Os trabalhos foram direcionados pelo departamento técnico, com pagamentos adicionais dos suínos por rendimento de carcaça e do leite por porcentagem de sólidos totais, baixa contagem bacteriana e baixa contagem de células somáticas. Esse trabalho resultou em melhores remunerações aos produtores e incentivo à produção com qualidade, e em consequência a construção do maior frigorífico de suínos do Brasil, em Assim Chateubriand – PR e de uma das maiores fábricas de queijos, em Marechal Cândido Rondon, que exporta para 38 países.

Os resultados obtidos corroboram a hipótese inicialmente proposta, indicando que a industrialização da produção agropecuária constitui um dos principais diferenciais competitivos do cooperativismo paranaense.

4 DISCUSSÃO

Os principais municípios paranaenses que concentram cooperativas agroindustriais de grande porte apresentam elevados índices de desenvolvimento humano (IDHM), todos classificados na faixa de desenvolvimento humano alto. Embora múltiplos fatores contribuam para esse desempenho, a atuação das cooperativas constitui um importante elemento para explicar o elevado dinamismo socioeconômico dessas regiões. O cooperativismo organiza cadeias produtivas, promove industrialização, distribui renda e impulsiona o fortalecimento socioeconômico, e transformaram a pecuária paranaense em um dos sistemas agroindustriais mais competitivos do mundo.

As cooperativas apresentam atividades ligadas diretamente com a propriedade privada de seus associados, uma vez que oferecem serviços que vão ao encontro das necessidades das atividades particulares destes. Ao mesmo tempo, os associados detêm e utilizam coletivamente o patrimônio e os serviços da cooperativa. Essa dualidade faz com que as decisões de investimentos procurem atender às necessidades dos cooperados e da cooperativa simultaneamente, conferindo complexidade ao sistema. Adicionalmente, os dirigentes são eleitos em assembleia geral, designados pelos demais para compor o conselho de administração (SIQUEIRA e BIALOSKORSKI NETO, 2014). O crescimento das cooperativas pecuárias é uma consequência de fatores técnicos: programas de melhoramento genético, assistência veterinária contínua, evolução da nutrição animal, controle sanitário, biosseguridade, pagamento do leite, frango e suínos por qualidade, industrialização e reinvestimento das sobras. Houve integração entre ciência animal, cooperativismo e desenvolvimento territorial.

5 CONCLUSÃO

O cooperativismo agropecuário constituiu um dos principais responsáveis pela interiorização do desenvolvimento econômico do Paraná nas últimas cinco décadas. O fator diferencial do cooperativismo agroindustrial paranaense decorre da combinação de governança democrática, assistência técnica permanente, agroindustrialização e reinvestimento, formando um ciclo virtuoso da dinamização econômica. Mais do que organizações de comercialização agrícola, as cooperativas consolidaram-se como agentes estruturantes do desenvolvimento econômico, promovendo inovação tecnológica, agregação de valor e melhoria da renda dos produtores.

Embora os indicadores municipais não permitam estabelecer relações causais diretas, o conjunto das evidências históricas, econômicas e produtivas demonstra elevada convergência entre a presença de cooperativas agroindustriais e os elevados indicadores de desenvolvimento regional.

Este estudo não pretende esgotar o tema, mas oferecer uma interpretação integrada do cooperativismo agroindustrial paranaense sob a perspectiva do desenvolvimento regional. Estudos futuros poderão aprofundar análises quantitativas, incluindo indicadores microrregionais, modelos econométricos e avaliações do impacto econômico da distribuição de sobras, da industrialização e da assistência técnica sobre os municípios inseridos nas áreas de atuação das cooperativas.

REFERÊNCIAS

GOLOS, O. A. A contribuição do cooperativismo ao desenvolvimento econômico e social do Estado do Paraná. Lumen et Virtus, v. XVI, n. XLIV, DOI 10.56238/levv16n44-032, 2025.

GOLOS, O. A. Cooperativismo de crédito no Brasil: tensões institucionais entre mutualidade, governança e pressões de mercado. Revista RGE Interdisciplinar, v.17, n.4, p.1-15, DOI 10.56238/revgeov17n4-064, 2026.

GRESELE, W. D., KRUKOSKI, F. A.; REITZ, D. I. Análise da rentabilidade das maiores cooperativas agroindustriais brasileiras no ano de 2016 por meio da análise envoltória de dados. DOI 10.48075/rfc.v22i35.24815. Revista Faz Ciência, v. 22, n. 35, p. 160, 2020.

IBGEa. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Produto Interno Bruto dos Municípios: 2022–2023. Rio de Janeiro: IBGE, 2025.

IBGEb. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Estimativas da População dos Municípios. Rio de Janeiro: IBGE, 2025.

IPARDES. Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social. Índice IPARDES de Desempenho Municipal – IPDM: Ano-base 2022. Curitiba: IPARDES, 2024.

KURESKI, K.; MOREIRA, V. R.; VEIGA, C. P.; RODRIGUES, J. A. Agribusiness gross domestic product (GDP) in the Brazilian region of paran and, the economic development of its agricultural cooperatives. African Journal of Agricultural Research, v. 10, p. 4384-4394, 2015.

LAUERMANN, G. J.; SILVA, E. D.; MOREIRA, V. R.; VEIGA, C. P. Estratégias de industrialização de cooperativas agropecuárias. Revista Espacios, v. 38, n. 2, 2017.

MARTINS, G. Agro: conjuntura e cooperativismo. Curitiba: Ocepar-Sescoop/PR, 2014.

MEINEN, E.; PORT, M. Cooperativismo financeiro: percurso histórico, perspectivas e desafios. Ed. Confebras, Brasília-DF, 2014.

OCB – Organização da Cooperativas do Brasil. Como as cooperativas movimentam a economia. Disponível em: somos.coop.br/noticias/como-as-cooperativas-movimentam-a-economia. Agosto-2023.

OCEPAR. Organização das Cooperativas do Paraná. Mesmo sob pressão do clima e do mercado, cooperativismo segue sustentando o agro. In: Jornal O Paraná. Edição nº 14.764, Cascavel-PR, 04.01.2026.

PCF – PORTAL DO COOPERATIVISMO FINANCEIRO. História do cooperativismo mundial. 2026. Disponível em: cooperativismodecredito.coop.br/cooperativismo-2/historia-do-cooperativismo/os-pioneiros-de-rochdale.

PNUD. Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento; Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA); Fundação João Pinheiro (FJP). Atlas do Desenvolvimento Humano no Brasil. Brasília: PNUD/IPEA/FJP, 2013.

SIQUEIRA, L. C.; SIGISMUNDO BIALOSKORSKI NETO, S. Práticas de governança corporativa indicadas para monitoramento: uma análise do nível de adoção em cooperativas agropecuárias. REGE 43, São Paulo – SP, Brasil, v. 21, n. 1, p. 43-63, jan./mar. 2014. DOI: 10.5700/rege518.